EDITORIAL

Esgoto a céu aberto

O ano que começa com a promessa do presidente Luiz Inácio Lula da Silva de fazer do Brasil um imenso canteiro de obras bem poderia marcar uma virada numa das questões mais graves ligadas à qualidade de vida do brasileiro: o saneamento básico. As tubulações escondidas debaixo da terra brilham menos do que fontes luminosas e, teoricamente, dariam menos votos. Mas qualquer autoridade com um mínimo de responsabilidade sabe que a quantidade de esgotos a céu aberto de um país é um indicador do nível de hipocrisia de seu crescimento. Apesar de todo o falatório de Lula e do marketing do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), o déficit do serviço de esgotamento sanitário no Brasil é alarmante. Mais da metade dos domicílios brasileiros, exatamente 53,3%, não têm acesso ao saneamento básico. Vilas e favelas convivem com a proliferação de moscas e a contaminação das águas e dos alimentos pelos esgotos a céu aberto. Uma das conseqüências mais dramáticas desse quadro é a morte de 2,5 mil crianças a cada ano.

Atrasos do PAC comprometem a urgência dos projetos de saneamento básico

Estudo recente da Fundação Getúlio Vargas (FGV) conduziu pela necessidade inadiável de aumentar o ritmo de investimentos no setor. O estudo aponta que é de apenas 1,59% o índice de crescimento anual do acesso

dos domicílios brasileiros ao saneamento. Nos 14 anos compreendidos entre 1992 e 2006, esse índice avançou de 36% para apenas 46,7%. Nessa batida, a universalização do saneamento básico no Brasil vai levar mais de um século, precisamente 115 anos. É que o país tem investido apenas 0,1% do Produto Interno Bruto (PIB) por ano e, para alcançar níveis satisfatórios mais cedo, seria necessário aumentar para pelo menos 0,63% do PIB. O ideal é aplicação de uma média anual superior a R\$ 50 bilhões, durante quatro anos. A quantia é pelo menos cinco vezes maior do que os R\$ 40 bilhões que o governo do presidente Lula incluiu no PAC, para serem investidos entre 2007 e 2010.

Reportagem do **Estado de Minas** mostrou, no domingo, que todo o PAC está atrasado, o que inclui os projetos de saneamento. Ninguém acredita que Lula terá programas de maior porte para melhorar as condições sanitárias das famílias pobres do que os modestos recursos previstos no PAC. Então, torna-se inaceitável a lerdeza com que esses recursos são aplicados. É urgente dar prioridade absoluta aos projetos de saneamento. Acresce que, esses recursos públicos, aliados à definição de regras claras e duradouras, podem atrair investimentos privados no setor, única saída para acelerar de verdade o acesso ao saneamento básico. Sem isso, o crescimento do PIB terá muito pouco ou quase nenhum significado.